



O FUTURO GEÓGRAFO E A PESQUISA

Igor Venceslau

Geógrafo (UESC)
Professor de Geografia – SEC/BA
e Guedes Educandário

A graduação é uma das fases mais importantes da vida do estudante e futuro profissional, que se deslumbra, inclusive, com a possibilidade de agora ser ele mesmo autor e, portanto, produtor de conhecimento. Esta empreitada é tão fascinante quanto trabalhosa: hoje, nos deparamos com o rápido vencimento dos conhecimentos do cientista, já que os novos meios colocam a todo instante novas informações e documentos à disposição, sempre “online alltime everywhere worldwide in English” (IANNI, 2010, p. 220). Eis um grande desafio, na medida em que jamais daremos conta de todos os artigos, dissertações, teses e livros constantemente publicados, exigindo uma seleção rigorosa. Por outro lado, ao lermos somente autores já consagrados corremos o risco de não captar as mudanças que ocorrem “de baixo”, pelos novos autores e atores que emergem. Para Ab’Saber (2009, p. 145), com certo exagero, “o geógrafo precisa de todos os livros, de todos os documentos [...] e de todos os fatos da história cotidiana”.

Nunca é tarde lembrar que a ciência deve estar baseada em fundamentos, referências e fontes confiáveis. Suposições, hipóteses e outros podem, e até devem, estar presentes, mas sempre como tal. Fon-

tes incertas, “achismos” por parte do pesquisador e outras discrepâncias não têm parte na ciência, mesmo nas ciências humanas e sociais. Estas, aliás, há muito, vêm sendo interpretadas como as mais “fáceis”, as ciências da “opinião”. As ideias positivistas que exaltam as ciências exatas e seus métodos ainda estão presentes e devem ser combatidas; elas aparecem mesmo entre os cientistas sociais. A sociedade e, por conseguinte, o espaço geográfico, é muito complexa para caber dentro de fórmulas pré-estabelecidas, e muito menos dentro de puros “achismos” do pesquisador. “O óbvio é muito menos óbvio do que parece [...]. Não é pelo fato de lidar com fenômenos que, de alguma maneira, dizem respeito a todos, e a respeito dos quais todos se julgam capazes de dizer algo, que o cientista social irá enxergá-los da mesma maneira” (SOUZA, 2007, p. 12-13). A flexibilidade com que as ciências que lidam com a sociedade têm ao interagir com ela e formular novas maneiras de estudá-la é uma das vantagens que o pesquisador encontra, já que pode assim analisar seu objeto sob uma perspectiva, uma visão de mundo. Esta relativa autonomia, no entanto, não está isenta do rigor necessário do fazer científico; pelo contrário: a complexidade do objeto



dessas ciências chega a impor ao pesquisador certa postura crítica e questionadora, além de uma gama de conhecimentos interdisciplinares.

A escolha de uma profissão deve ser acompanhada de identificação e aptidão pessoal, além de todas as responsabilidades e compromissos envolvidos. Se há um nome que muito me orgulha, e que levarei para o restante de minha vida, é o de geógrafo, pois “não há nada tão fascinante e complexo, e por isso mesmo demandante de elucidação e divulgação adequadas, do

que a aventura humana sobre a face da Terra” (SOUZA, 2007 p. 14). Para alcançá-lo, teoria e prática são indissociáveis, não existindo uma sem a outra. Sem a fundamentação teórica adequada, nosso olhar jamais ultrapassará o senso comum; por outro lado, sem conhecimento prático e vivência jamais trataremos de um bairro, cidade ou região com propriedade. Aos futuros geógrafos cumpre analisar o espaço com o rigor que as transformações atuais exigem. E isso não é uma escolha. É ciência.

REFERÊNCIAS

- AB’SABER, A. N. **O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab’Saber/ em depoimento a Cynara Menezes.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 207 p.
- IANNI, O. **Teorias da globalização.** 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 228 p.
- SOUZA, M. L. **ABC do desenvolvimento urbano.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 192 p.

EDITORIAL

Nesta edição, o Boletim Informe Geográfico – BIG encerra a seção dedicada à publicação dos melhores artigos apresentados no IV Seminário de Educação Geoambiental, cujo tema central foi “Biodiversidade e Consciência Ambiental”. Em sua vigésima segunda edição, o BIG traz um conjunto de artigos relevantes à ciência, constituindo, assim, um importante meio de reflexão e divulgação das pesquisas relacionadas a temáticas geográficas.

O artigo “O futuro geógrafo e a pesquisa”, produzido por Igor Venceslau, graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, aborda os desafios relacionados à graduação, salientando que esta é uma das fases mais importantes da vida do estudante e futuro profissional.

A educação, especialmente aquela voltada para as questões ambientais, patrimoniais e para o consumo sustentável, nos possibilita refletir sobre os impactos provocados no espaço por uma atividade econômica. No turismo isso também acontece, principalmente quando os locais visitados são pequenas comunidades com grandes valores culturais, como é o caso do povoado do Rio do Engenho, tema do artigo “Preservação e conscientização da utilização dos recursos ambientais, culturais e históricos do povoado do Rio do Engenho, Ilhéus-BA”, de Rutierio Odorico dos Santos, aluno do curso de Licenciatura em Geografia (UESC) e bolsista do grupo PET Solos: agregando saberes.

O estudo realizado por Adson Alves Costa e Grasielle Soares Souza, graduandos em Geografia pela UESC, “O Bairro Teotônio Vilela e o Ecossistema Manguezal: um problema socioeconômico”, nos convida a uma reflexão a respeito da ocupação urbana que vem ocorrendo intensamente nas áreas de manguezais do Bairro Teotônio Vilela, Ilhéus-BA, acarretando diversos impactos socioambientais.

A pesquisa “Arte das Carrancas no médio São Francisco”, autoria de Ramona de Jesus Silva, graduada em Geografia pela UESC, destaca a cultura do médio São Francisco, sobretudo a arte das carrancas de Francisco Biquibady Lafuente Guarany, resgatando sua história que se inicia em Santa Maria da Vitória - Bahia. Com o artigo “Veracel: especialização do espaço no Extremo Sul da Bahia pela produção de Celulose”, a autora Rute Oliveira dos Santos, graduada em Geografia pela UESC, faz um relato de uma aula prática do curso no extremo sul da Bahia, destacando a configuração desta Mesoregião, relacionando com atividades agrícolas. Nesse relato, a autora se preocupa em descrever elementos do processo de produção do eucalipto no extremo sul baiano, dando ênfase a mudanças na paisagem à medida que se aproxima dessa região.

Conselho Editorial.
Boa leitura!

“Fazemos ciência com fatos, como fazemos uma casa com pedras, mas a acumulação de fatos não é ciência, assim como um monte de pedras não é uma casa.”

Henri Poincaré

Boletim Informativo do Curso de Geografia | UESC | INFORME GEOGRÁFICO

Ano XI - nº 22 - abril/maio 2012
Tiragem de 600 exemplares

Fundador: Saulo Rondinelli Xavier da Silva (abril 2001).

Conselho Editorial: Gilmar Alves Trindade (galvestrindade@gmail.com); Tereza Genoveva Nascimento Torezani (terezatorezani@gmail.com); Jean Lucas Vinhas Medeiros (jeanlucasvinhas@hotmail.com); Ruy Eduardo Santana Santos (ruyeduardo2004@hotmail.com); Poliana Teixeira da Fonseca (polifonseca17@hotmail.com); Ricardo Alves Lourenço (ricardo.taylor@hotmail.com).

Colaboradores: Saulo Rondinelli Xavier da Silva (geoilheus@hotmail.com); Paulo César Bahia de Aguiar (imperadorblue@hotmail.com); Alan Azevedo Pereira dos Santos (alan_geouesc@hotmail.com).

Projeto Gráfico e Diagramação: Sheylla Tomás (sheylla.tomas@gmail.com)

Revisão: Editus / UESC

Impressão: Imprensa Universitária

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.
Consulte as “DIRETRIZES PARA AUTORES” em nosso Blog.

E-mail: informegeografico@gmail.com

Blog: www.informegeografico.blogspot.com

Facebook: Grupo: www.facebook.com/groups/informegeografico

Página: www.facebook.com/informegeografico

Site: www.uesc.br/cursos/graduacao/bacharelado/geografia/informegeografico/big_uesc.htm

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Rodovia Jorge Amado, km 16

CEP: 45.662-900

Ilhéus – Bahia

ISSN 1982-8039

PRESERVAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS AMBIENTAIS, CULTURAIS E HISTÓRICOS DO POVOADO DO RIO DO ENGENHO, ILHÉUS-BA

Rutierio Odorico dos Santos

Aluno do curso de Licenciatura em Geografia (UESC) e bolsista do grupo PET – Solos (Programa de Educação Tutorial)

O turismo é uma atividade bastante antiga que as pessoas realizam durante suas viagens em local distante de suas residências, por um período de tempo curto ou de longo prazo, por exemplo, dias, semanas ou alguns meses desde que não ultrapasse o período de um ano, com fins de descanso, negócios, lazer, entre outros (CRUZ, 2003). Dessa maneira, existe a preocupação em relação aos impactos ambientais e culturais, diretos ou indiretos, que os visitantes acabam produzindo devido aos seus hábitos e costumes serem diferentes aos dos moradores das localidades que visitam, principalmente em comunidades pequenas e com grandes valores culturais para a história da região, como é o caso do povoado do Rio do Engenho.

Para Cruz (2003) é necessário que o produto turístico

provoque o deslocamento do turista ao local onde ele se encontra. Sendo assim, haverá choque de cultura entre os povos nativos e os visitantes, na medida em que, geralmente, os turistas têm outros costumes, religião, poder aquisitivo elevado etc. Há necessidade de minimizar os impactos negativos e maximizar os impactos positivos da atividade turística. Assim, haverá relações duradouras benéficas entre os nativos, os turistas e o meio ambiente.

A complexidade dos impactos positivos e negativos exige dos órgãos públicos e privados estudos aprofundados para que sejam tomadas medidas capazes de resolver ou amenizar essas problemáticas. Apresentar-se-ão alguns aspectos sobre o turismo no povoado do Rio do Engenho, localizado no Município de Ilhéus. A prática das atividades turísticas ainda é precária, necessitando de discussões acerca do presente e do futuro desse povoado, quanto ao ambiente natural e ao patrimônio histórico, artístico e cultural.

No ano de 1534, dando continuidade ao plano de tomada de posse de Ilhéus, o rei

Dom João III dividiu a nova colônia em quinze grandes lotes, chamadas de Capitâneas Hereditárias, e doando-oss a doze abastados do reino. Essa divisão teve como base marcos geográficos, que, embora pouco definidos, desconsideravam completamente os diversos povos indígenas que habitavam o litoral e o interior brasileiro. O rei de Portugal, por meio de uma carta, fez a doação da capitania de São Jorge dos Ilhéus a Jorge de Figueiredo Correia, que era escrivão da Fazenda Real e um dos homens mais ricos de Portugal. Jorge de Figueiredo não tomou posse da capitania, designou Francisco Romero como seu representante em seu novo domínio (MARCIS, 2000).

Jorge de Figueiredo, apesar de muito rico, buscou associar-se a outras pessoas influentes para investir na produção de açúcar, que, naquele período, era um produto de grande

Santana, atualmente conhecido como rio do Engenho”.

O Rio do Engenho está localizado em uma região privilegiada pelos recursos naturais ali presentes, com abundância de recursos hídricos, manguezais e cercada pela Mata Atlântica. Com isso, esse espaço, além de sua grande importância histórica e cultural para formação da identidade do povo que vive no lugar, tem importância também para a formação cultural do país. O Rio do Engenho guarda belezas naturais que podem ser utilizadas de forma sustentável e, ao mesmo tempo, gerar renda para os nativos pela prática turística.

Atualmente, a prática do turismo com olhares para o contexto histórico da região está precária. Dessa forma, os turistas só têm contato apenas com a Igreja de Santana, construída pelos jesuítas no período da colonização do



valor comercial (PÓVOAS, 2005, apud MARCIS, 2000). Daí ter distribuído sesmarias, que eram grandes extensões de terras, e vários privilégios para os proprietários ou sesmeiros. Uma das sesmarias foi doada a Mem de Sá, futuro terceiro Governador Geral do Brasil. De acordo com Marcis (2000, p. 18), “a sesmaria de Mem de Sá media o equivalente a 10 km de largura e 6,30 km de comprimento. Localizavam-se às margens do rio

Brasil pelos europeus, e com um dos tachos que era utilizado para fazer o melaço de cana-de-açúcar em uma das várias etapas do processo de produção de açúcar. Segundo os moradores mais antigos do local, esse tacho foi encontrado enterrado, próximo da Igreja e posteriormente colocado à frente da mesma; e, por fim, com ruínas fragmentadas do canal que desviava a água do rio Santana para mover a

roda d'água e gerar a energia hidráulica, já que o Engenho de Santana era considerado de grande porte (MARCIS, 2000).

A Igreja de Santana, uma das mais antigas do Brasil, felizmente, ainda continua em boas condições de conservação. Isso porque, além de ser tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), os moradores da vila demonstram grande afetividade e respeito pelo santuário. O deslocamento até o povoado do Rio do Engenho é feito principalmente por meio de transporte rodoviário pela rodovia Ilhéus-Buerarema por 18 km não pavimentados ou pelo trajeto fluvial. Durante o caminho fluvial que se inicia na baía do Pontal, na cidade de Ilhéus, é possível ver botos

nadando, presenciar a beleza do verde da vegetação dos manguezais e da mata atlântica caracterizando um local onde é possível ter tranquilidade, lazer e principalmente ter contato direto com o meio natural.

A busca da prática da sustentabilidade deve ser constante a fim de preservar os recursos naturais, históricos e socioculturais da comunidade. Com ações de políticas públicas para qualificar e conscientizar principalmente os moradores do povoado do Rio do Engenho, em manter viva sua cultura e, consequentemente, mantendo as belezas naturais preservadas para que outras gerações, tanto dos turistas quanto dos moradores, possam desfrutar do lazer, de bem-estar e do trabalho.

REFERÊNCIAS

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roça, 2003.

CUNHA, L. **Economia e Política do Turismo**. São Paulo: McGRAW-HILL, 1997.

MARCIS, T. **Viagem ao Engenho de Santana**. Ilhéus: Editus, 2000.

NOIA, A. C. V8: o caso da comunidade do Rio do Engenho, Ilhéus-BA. **Revista Urutágua**, Maringá, 2008, 6 p.

NOIA, A. C. Sustentabilidade e atração turística: o caso da comunidade do Rio do Engenho, Ilhéus-BA. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 14, p. 1-9, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/014/14noia.PDF>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

PÓVOAS, R. C. **Presença do negro na cultura ilheense**. Palestra proferida em 16 de novembro de 2005, na Fundação Cultural de Ilhéus FUNDACI, na programação das Quartas Culturais, comemorando o Dia da Cultura e o Dia Nacional da Consciência Negra.

O BAIRRO TEOTÔNIO VILELA E O ECOSSISTEMA MANGUEZAL: UM PROBLEMA SOCIOECONÔMICO

Adson Alves Costa¹
Grasielle Soares Souza²

¹ Aluno de Licenciatura em Geografia e Bolsista de Extensão do Laboratório de Ensino de História e Geografia (UESC)

² Aluna de Licenciatura em Geografia (UESC)

Com a crise cacauera instalada na região Sul da Bahia em final da década de 1980, o turismo e a indústria foram determinantes para que houvesse uma acentuada expansão urbana nas cidades da região, principalmente em Ilhéus. Com o êxodo rural muito intenso, a parte central da cidade ilheense não comportou tamanha densidade populacional, assim, os bairros periféricos foram construídos sem planejamento, onde alguns deles estão localizados bem próximos

aos manguezais. O Teotônio Vilela é um desses bairros. Os poucos terrenos que restam nas quadras principais estão cada vez mais valorizados financeiramente, o que inviabiliza negociá-los com as pessoas de baixo poder aquisitivo que, por esta razão, buscam soluções alternativas para solucionar seus problemas de moradia invadindo áreas próximas aos manguezais ou comprando terrenos baratos nas proximidades deste ecossistema.

O bairro Teotônio Vilela, localizado na zona oeste do município de Ilhéus, Bahia, além de ser um dos bairros mais populosos da cidade, possui uma grande área de manguezal, onde a biodiversidade deste ecossistema é de suma importância para a sobrevivência das comunidades ribeirinhas e para a perpetuação das espécies animais, tais como: caranguejos, siris, aratus, peixes e animais sésseis como ostras e lambretas.

Banhado pelo rio Itacanoiei-

ra, o Teotônio Vilela tem um grande aporte hídrico que favorece a pesca artesanal, o desenvolvimento do manguezal e o lazer dos moradores. Mas, alguns problemas devem ser destacados, pois a área de manguezal vem sofrendo, nos últimos dez anos, um desastroso impacto ambiental devido ao fluxo intenso dos habitantes nessas áreas e com a falta de serviços públicos essenciais à sobrevivência, como: rede de esgoto, água potável e energia elétrica.

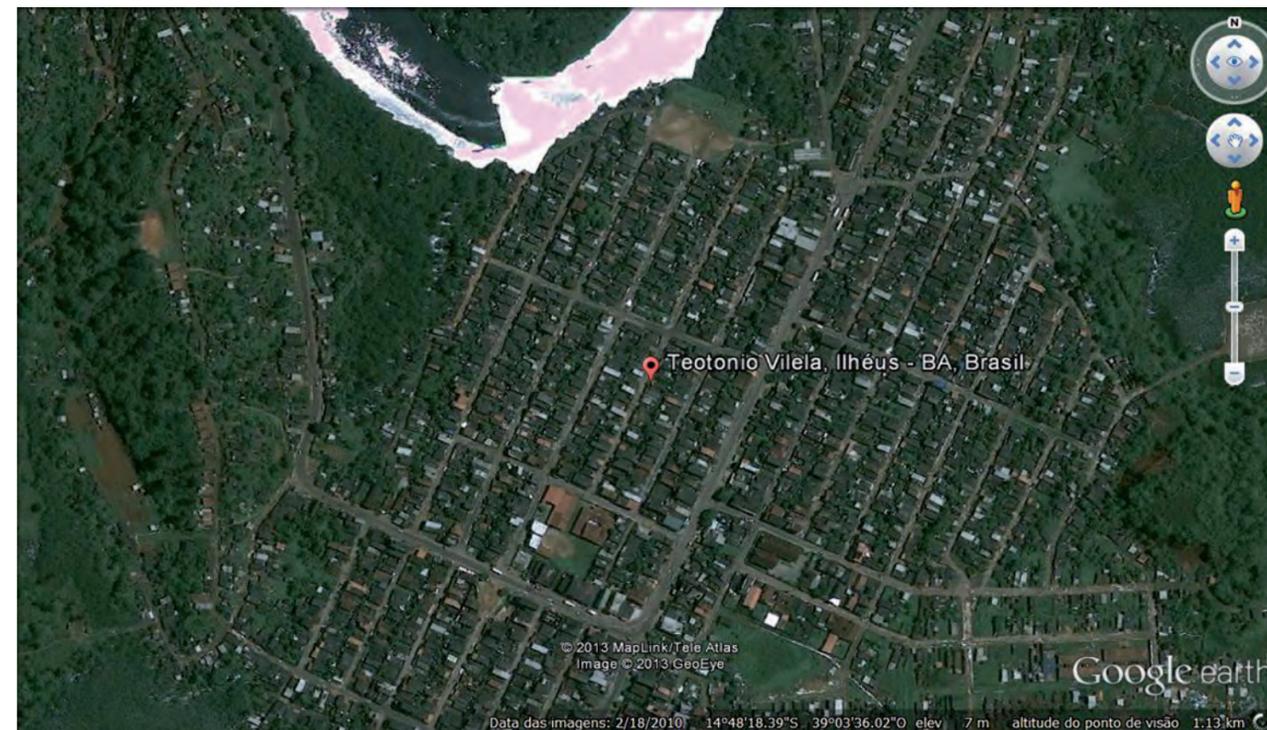


Foto área do Bairro Teotônio Vilela, 17 de agosto de 2011.

Fonte: Google Earth

Outro ponto importante, é a falta de informação dos habitantes que, junto à ausência de iniciativas do governo municipal, se torna um agravante para a preservação do manguezal, colocando em risco muitas espécies de animais e, em alguns casos, levando-os à extinção.

Com a falta de saneamento básico, os moradores próximos ao berçário natural, além de depositarem resíduos sólidos neste ambiente por falta de coleta seletiva do lixo, ainda agravam o problema com dejetos humanos e resíduos de várias origens, acarretando em uma grande poluição e, consequentemente, prejudicando o desenvolvimento das várias espécies de animais que dependem do ecossistema para reprodução e alimentação. A maior parte da popula-

ção que habita nas proximidades dos manguezais sobrevive da exploração de caranguejos, mexilhões, siris, aratus, lambretas, ostras e sururus. Esta exploração significa para as famílias ribeirinhas uma fonte de renda, sendo para grande parte destas a única forma de conseguir o sustento da casa. Segundo Lemos (2004, p. 68):

“A expansão urbana na cidade efetuou-se e está efetuando-se principalmente sobre áreas originalmente ocupadas por manguezais. Este comportamento acarretou o surgimento de diversos impactos negativos, entre os quais a transformação das áreas de manguezal em depósitos de lixo, aterros para construção de imóveis e locais de despejo de esgotos.”

Mesmo com a verticalização do espaço sendo uma das soluções momentâneas encon-

tradas para a moradia, somente esta medida não dará conta do problema, pois o Teotônio Vilela se torna, a cada dia, mais complexo para residir e nenhuma medida, mesmo que paliativa, é tomada pela prefeitura para solucionar a problemática. A invasão das áreas próximas ao manguezal está sendo cada vez mais intensa

justamente pela falta de fiscalização e iniciativas do poder público.

Com isso, a população dessas áreas acaba agravando os problemas ambientais nas áreas próximas ao manguezal através dos aterros e uso inadequado do solo, na intenção de solucionar o problema individual de moradia, intensificando e. Em uma breve análise da paisagem do bairro Teotônio Vilela, fica constatado que existe uma dificuldade acentuada (principalmente nas áreas centrais do bairro) de encontrar terrenos para construção de domicílios. A falta de planejamento urbano, fiscalização e iniciativas governamentais provocam sobre este bairro um déficit ambiental muito grande, causando perdas incalculáveis tanto no aspecto socioeconômico, quanto na biodiversidade.

REFERÊNCIAS

LEMONS, R. M. **Degradação ambiental causada pela ocupação antrópica em áreas de manguezais no bairro São Domingos em Ilhéus, BA**. 2004. 32f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia)– Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2004.

ARTE DAS CARRANCAS NO MÉDIO SÃO FRANCISCO

Carrancas são figuras de proa antropozoomórficas, uma criação artística de alta originalidade no médio São Francisco, que não se encontra como manifestação coletiva em nenhum outro lugar ou época.

Mestre Guarany foi o pioneiro nessa arte, em Santa Maria da Vitória, no Estado da Bahia, e suas peças marcaram a representação pictórica do rio São Francisco no mundo. As figuras de proa do médio São Francisco “saltaram” das embarcações e, por sua originalidade e estética, despertaram o interesse mundial.

A história das carrancas se inicia na cidade de Santa Maria da Vitória, após a morte do pai de Guarany. Francisco Guarany começou a trabalhar em 1899, como imaginário e, logo após, como marceneiro, também profissão de seus irmãos. Com o passar do tempo Guarany deixou de esculpir santos, por não ser atividade financeiramente rentável, e voltou a exercer a profissão de carpinteiro, marceneiro e tanoeiro.

Aos 17 anos de idade Guarany fez a sua primeira figura de proa. Depois daí não mais parou e continuou esculpindo lindas artes. Até o início da década de 1940, o artista produziu cerca de oitenta carrancas. Com a paralisação da construção de barcas, Guarany não fez figuras de proas por dez anos.

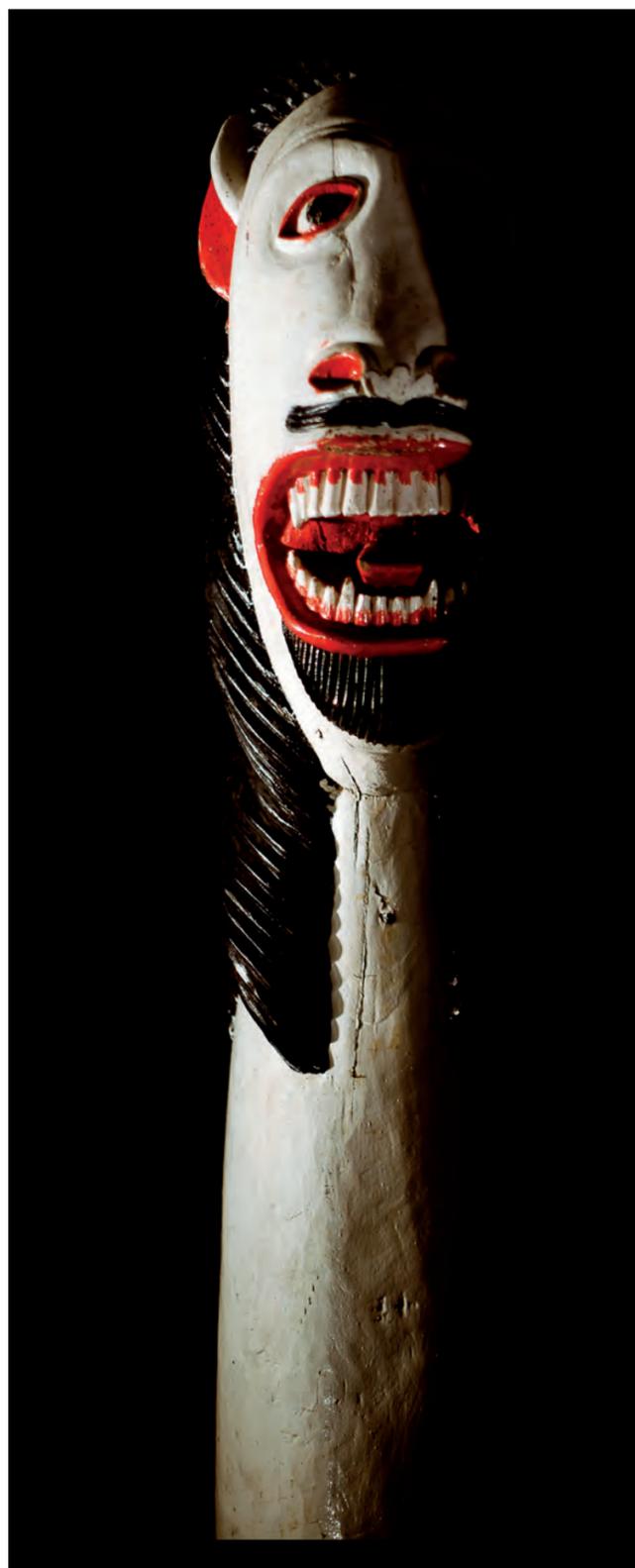
Na metade da década de cinquenta, a arte de Guarany foi descoberta por Antônio Laje, a quem vendeu meia dúzia de peças. A partir desse mo-

mento as carrancas deixam de ser apenas figuras mitológicas que assustam, como “o minhocão e o nego d’água”, para se inserirem na arte. Suas peças foram expostas em vários museus nacionais e internacionais, fazendo com que o mestre Guarany fosse admirado e reconhecido pelo seu trabalho.

Em 1985, Guarany faleceu e junto com ele a identidade das carrancas. Seu neto, o poder político e alguns intelectuais em Santa Maria da Vitória tentam resgatar a identidade carranqueira. Hoje, com a inauguração de uma passarela interligando as duas cidades, São Félix e Santa Maria, as pessoas deixaram de utilizar as pequenas embarcações ali existentes, e o remeiro como personagem também importante desse lugar, foi extinto.

A oficina Francisco Biquibady Lafuente Guarany, que tem como coordenador Júnior Guarany, neto do grande artista mestre Guarany, tem como objetivo o resgate da identidade das carrancas para o cotidiano da população, aonde crianças no turno anterior a aula, vão até a oficina para desenvolverem essa arte. O projeto tem o apoio do Banco Nacional para o Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Banco do Nordeste e Governo Federal.

Foto: Purki
Fonte: ccarrancas.wordpress.com/as-carrancas



Ramona de Jesus Silva

Licenciada em Geografia (UESC)
Aluna do curso de Bacharelado em Geografia (UESC)

VERACEL: ESPECIALIZAÇÃO DO ESPAÇO NO EXTREMO SUL DA BAHIA PELA PRODUÇÃO DE CELULOSE

Rute Oliveira dos Santos

Geógrafa (UESC)



O presente artigo descreve o que foi observado em aula prática do curso de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, quando foi realizada visita à empresa Veracel, localizada no município de Eunápolis, Extremo Sul da Bahia, em 09 de novembro de 2010. Esta empresa se ocupa da atividade produtiva de celulose extraída a partir das fibras do eucalipto e sua chegada à região representou possibilidades de dinamismo econômico com geração de emprego e renda, remodelou o espaço e introduziu técnicas modernas e inovadoras na produção.

A região Sul da Bahia tem sua configuração identitária atrelada à atividade agrícola de cacau. Este é o símbolo local e sua presença remonta ao século XVIII, quando chegaram as primeiras mudas. É perceptivo em todo o trajeto da BR

101, entre Itabuna e o extremo sul, que os resquícios dos tempos áureos do cacau ainda se fazem presentes por toda a extensão da referida rodovia, com lindas fazendas e seus casarões, símbolo do poder dos grandes cacauicultores, e pela grande quantidade de casario dos trabalhadores, que em alguns locais formam verdadeiras vilas, compondo um cenário que singulariza e evidencia a cultura local, atrelada a exuberante beleza da Mata Atlântica, que constitui riqueza natural importantíssima da região Sul e Extremo Sul da Bahia.

Nas proximidades do Extremo Sul, verificamos que a cacauicultura não mais exerce tanta influência e a Mata Atlântica quase que desaparece em decorrência do plantio de gramíneas que servirão de alimentação para o gado. Observamos que esta região

agrega novo elemento e nova feição com a introdução do eucalipto.

A chegada do eucalipto na região é algo recente e data de 1992, sob influência das empresas capixabas, mineiras e da Veracel. Assim, é possível visualizar as imensas extensões de terra com os plantios de eucalipto. É região monocultora, latifundiária, altamente concentrada e monopolizada.

A empresa Veracel começou a produzir celulose a partir do eucalipto no Extremo Sul da Bahia em 1995. É uma empresa recente, mas que tem remodelado o espaço a partir de uma rede integrada de relações que envolvem dez municípios: Eunápolis, Belmonte, Guaratinga, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália, Canavieiras e Mascote.

A área total da fábrica ocupa uma extensão de 1 milhão de m², sendo que 300 mil m² correspondem a área construída da empresa. A Veracel é resultante da venda da Aracruz Celulose para um grupo sueco-finlandês, Stora Enso, e para a Fibria, empresa brasileira.

Para que a sustentabilidade da Mata Atlântica seja garantida, é seguido o padrão de que para cada hectare de eucalipto plantado, outro hectare de floresta deve ser preservado. As plantações acontecem em áreas planas de tabuleiros, dessa forma vales e morros se mantêm preservados, com seus mananciais d’água, flora e fauna.

São necessários 7 a 8 anos de crescimento para que o eucalipto seja colhido. A produção da Veracel é 100% vendida para o exterior, por isso se-

gue o padrão internacional de qualidade e sustentabilidade. Essa certificação é fornecida pelo ISO 14001/2004, Forest Management Unit and Chain of Custody-FSC e Cerflor. A licença ambiental respeitada está de acordo com as resoluções do CONAMA.

“ É região monocultora, latifundiária, altamente concentrada e monopolizada. ”

O transporte da celulose ocorre por via terrestre até o porto de Belmonte (a 60 km) e marítimo até o porto de Vitória, no Espírito Santo (600 km), no sistema de transporte em barcas.

A Veracel, em sua gestão ambiental, se ocupa do tratamento de água captadas dos afluentes do rio Jequitinhonha. As emissões atmosféricas são monitoradas constantemente, os odores gerados são eliminados na Caldeira de recuperação e o material particulado é tratado nos precipitadores eletrostáticos. Os resíduos sólidos produzidos

são reaproveitados na central de tratamento. As cascas e as folhas do eucalipto são deixadas no próprio local de colheita e fornecem 40% dos nutrientes que o solo necessita para rebrotar. Os rejeitos do lodo do rio são transformados em adubo orgânico.

Toda energia utilizada pela indústria é produzida por ela, são 1.000.000 MWh/ano, oriunda de fontes renováveis. Na linha de produção da celulose, o trabalho é todo mecanizado, em que as máquinas se encarregam de prensar os flocos de celulose, formar blocos e cortá-lo; apenas dois funcionários se encarregam de transportá-los para o empilhamento.

O eucalipto plantado tem origem australiana, é altamente resistente à pragas e não tem inimigo natural. São plantadas 133 mudas por hectare e são praticado duas formas de cultivo; uma delas, a mais cara, é o replantio, e outra, mais barata, é o rebrotamento, técnica

esta amplamente praticada pela empresa. Ambas as formas acontecem após 30 a 60 dias depois da colheita.

Existem duas formas de colheita do eucalipto, uma americana e outra europeia, sendo que esta última é a utilizada pela empresa Veracel. Duas máquinas da marca Havester fazem a limpeza do toro (as cascas são deixadas no próprio local de colheita para adubamento do solo) e, em seguida, acontece o corte do mesmo. São cortados e descascados por hora 80 toros e 800 por dia. Outra máquina da marca Forwarte se encarrega de recolher esses toros e empilhá-los. Esses são deixados em campo de 25 a 30 dias para perderem volume e serem transportados para a Veracel.

Cenário de dinamismo econômico, respeito à legislação ambiental e responsabilidade social são visões gerais transmitidas para quem visita a empresa. Entretanto, a região enfrenta graves problemas sociais, pois a utilização de

terras férteis para o plantio do eucalipto e o desemprego tem gerado manifestações como invasões de terras, queima das plantações e aprisionamento de caminhões da empresa Veracel que transitam pelas estradas. Pode-se atribuir a essas iniciativas a produção extremamente mecanizada, tanto no campo quanto na usina, o que colabora, ainda mais, para o desemprego na região.

Bem sabemos que os governos estão a serviço do capital e os recursos naturais são disponibilizados de forma a atender o poder hegemônico, e isto afeta intensamente a vida das pessoas, principalmente aquelas que na sua forma tradicional de viver são desarranjadas do seu lugar de convivência em função de algo maior, externo e alheio às suas necessidades. Esses desarranjos massacram, desagregam, desfragmentam, violentam a alma. Protestos são feitos e há denúncias, mas o gigante permanece lá, intocável.

participe do BIG!

Envie o seu artigo e tenha a chance de participar das próximas edições.

Para maiores informações

acesse:

www.informegeografico.blogspot.com.br/2008/11/diretrizes-para-autores.html